

# PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: José Reis  
Um trabalho coletivo do CES



# PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: José Reis  
Um trabalho coletivo do CES



Centro de Estudos Sociais  
Universidade de Coimbra

1290

UNIVERSIDADE DE  
COIMBRA



Organização  
das Nações Unidas  
para a Educação,  
a Ciência e a Cultura



Universidade de  
Coimbra - Alta e Sã  
inscrita na Lista do Património  
Mundial em 2013

COMPETE  
2020  
PROGRAMA OPERACIONAL COMERCÍO E INOVAÇÃO

PORTUGAL  
2020



UNIÃO EUROPEIA

Fundo Europeu  
de Desenvolvimento Regional

FCT  
Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia

# PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

## Coordenador

José Reis

## Editor

Centro de Estudos Sociais  
Universidade de Coimbra

## Revisão Científica

Ana Cordeiro Santos, António Sousa Ribeiro, Carlos Fortuna, João Rodrigues, José Castro Caldas, José Reis, Pedro Hespanha, Vítor Neves

## Revisão Linguística

Ana Sofia Veloso, Alina Timóteo

## Design e Paginação

André Queda

Julho, 2020

Este trabalho é financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto UIDB/50012/2020.

Os dados e as opiniões inseridos na presente publicação são da exclusiva responsabilidade dos/das seus/suas autores/autoras.

## ISBN

978-989-8847-25-6

# RÓTULOS E SUAS IMPLICAÇÕES

Teresa Almeida Cravo

A complexidade do mundo que nos rodeia exige uma linguagem que o torne inteligível. Ao concentrar uma série de traços, valores e comportamentos numa só imagem, a utilização de rótulos permite-nos classificar e simplificar essa vasta realidade social. As representações invocadas por rótulos incitam sentimentos positivos e negativos, construindo uma predisposição em relação aos seus sujeitos que, por sua vez, condiciona as nossas ações. Tanto ao nível das relações interpessoais, como internacionais, a produção de rótulos é um processo com uma forte carga emocional e claras implicações políticas e sociais.

Os rótulos não são neutros nem inócuos; são produzidos num contexto de relações de poder e podem servir para naturalizar e legitimar certas representações e atos, constituindo, e não apenas refletindo, a nossa realidade social. O entendimento dos problemas contemporâneos, como a COVID-19, requer, por isso, a análise das palavras enquanto elementos desses mesmos problemas.

A atribuição do rótulo de “vírus chinês” por Donald Trump, nos seus discursos políticos sobre a pandemia, é um exemplo desse exercício de poder – de seleção e de legitimação, assim como de omissão e marginalização. Localiza o que é global, responsabilizando unicamente a China pelo contágio, enquanto invoca estereótipos pejorativos sobre práticas culturais chinesas. Estigmatiza comunidades inteiras – tanto na China, como as suas comunidades imigrantes no Norte global – legitimando práticas discriminatórias e violentas. Ao descrever o vírus como um fenómeno externo, o inimigo passa a ser não o vírus em si, mas a sociedade de onde este originou, dificultando, assim, esforços locais e internacionais de cooperação para travar a pandemia.

Os rótulos não vão deixar de existir: fazem parte da nossa linguagem e da forma como

entendemos e representamos o mundo. É, no entanto, essencial que reconheçamos o seu papel – e o nosso – na (re)produção de relações de poder.

A autoconsciencialização confronta-nos com o impacto das nossas próprias palavras e a nossa responsabilidade enquanto agentes de poder. Isto implica olhar criticamente não só para os pronunciamentos de Trump; mas para os que emitimos à mesa de jantar ou no café. Implica igualmente apoiar decisões institucionais como a da Organização Mundial da Saúde, em 2015, de deixar de nomear doenças a partir dos seus supostos locais de origem, como era prática anterior.

À autorreflexão junta-se o compromisso de desconstrução; isto é, de desmascarar os interesses que os rótulos servem e questionar as suas associações e efeitos. No caso da COVID-19, um esforço de desconstrução pode pautar-se por salientar o papel das multinacionais do Norte global na desflorestação e urbanização, que aumentam a probabilidade do contágio zoonótico; ou por revelar o propósito político da administração norte-americana em associar a China ao vírus, como estratégia de desresponsabilização face ao fracasso na proteção da sua população.

O desafio à (re)produção de rótulos legitimadores de hierarquias exige ainda o que David Spurr chama de “resistência de guerrilha”: a contestação interna de pressupostos explícitos e implícitos de superioridade civilizacional. Não escapamos, porém, ao nosso lugar de enunciação pelo simples facto de o entendermos criticamente. A resistência requer, acima de tudo, uma atitude de abertura a novas formas de conhecimento e de entendimento do Outro, que assuma a sociedade não só como um espaço de relações de poder, mas também como um espaço de possibilidade.